

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

Paulo Roberto de Mesquita Galindo

Relações China-Vietnã a vista das disputas no Mar Sul da China

Recife
2023

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

PAULO ROBERTO DE MESQUITA GALINDO

**RELAÇÕES CHINA-VIETNÃ A VISTA DAS DISPUTAS NO MAR SUL
DA CHINA**

**Trabalho de conclusão de
curso como exigência para a
graduação no curso de Relações
Internacionais, sob orientação do
Prof. Rodrigo Santiago da Silva.**

Recife
2023

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

G158r Galindo, Paulo Roberto de Mesquita.
Relações China-Vietnã a vista das outras disputas no Mar Sul da
China / Paulo Roberto de Mesquita Galindo. – Recife, 2023.
33 f.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Santiago.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Mar Sul da China. 2. Política Externa Chinesa. 3. Política
Externa Vietnamita. I. Santiago, Rodrigo. II. Faculdade Damas da
Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2023.1-004)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

PAULO ROBERTO DE MESQUITA GALINDO

**RELAÇÕES CHINA-VIETNÃ A VISTA DAS DISPUTAS NO MAR SUL
DA CHINA**

Trabalho de conclusão de curso como exigência para a graduação no curso de Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Rodrigo Santiago da Silva.

Aprovada em 29 de Junho de 2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Rodrigo Santiago da Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC

Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC

Prof. Dr. Antonio Henrique Lucena Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC

Recife
2023

RESUMO

O presente artigo visa analisar as relações existentes entre a China e o Vietnã tendo em vista o contexto das disputas territoriais e diplomáticas que vem ocorrendo desde o final da Segunda Guerra Mundial, trazendo o contexto histórico e diplomático entre os dois Estados, além de contextualizar as ações tomadas pelo Vietnã sobre o Mar em disputa. O artigo trará de forma breve a história do conflito do Mar Sul da China, começando do fim da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje. O artigo também busca trazer à vista o objetivo do Vietnã no confronto entre os dois Estados, e sua estratégia diplomática.

Palavras-Chave: Mar Sul da China; Política Externa Chinesa; Política Externa Vietnamita;

ABSTRACT

This article aims to analyse the existing relations between China and Vietnam in view of the context of the territorial and diplomatic disputes that have been taking place since the end of the Second World War, bringing the historical and diplomatic context between the two States, in addition to contextualising the actions taken by Vietnam over the disputed Sea. The article will briefly outline the history of the South China Sea conflict, starting from the end of World War II to the present day. The article also seeks to bring into view Vietnam's objective in the confrontation between the two States, and its diplomatic strategy.

Keywords: South China Sea; Chinese Foreign Policy; Vietnamese Foreign Policy;

INTRODUÇÃO	7
1 - O MAR DA CHINA MERIDIONAL	8
2 - REFERENCIAL TEÓRICO	15
3 - METODOLOGIA E DADOS EMPÍRICOS	21
3.1 - RELAÇÕES SINO-VIETNAMITAS	22
3.2 - O OBJETIVO DO VIETNÃ NO MAR SUL DA CHINA	28
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

As disputas no Mar Sul da China começaram quase imediatamente ao fim da segunda guerra mundial, em 1946, com a criação da linha de 11 raias, uma linha que reivindica como território histórico e de exclusivo controle e exploração Chinesa uma grande parte do Mar Sul da China. Essa linha foi eventualmente modificada para ter 10 raias, e depois 9 raias. As disputas geradas por essa demarcação podem trazer consequências que afetariam todo o sistema Internacional.

De acordo com o governo Chinês, as reivindicações Chinesas sobre a linha tem base histórica, em que sua população tem feito uso útil e contínuo das ilhas na região. Tais reivindicações, por outro lado, vão contra os acordos internacionais de direito marítimo, ocupando os mares territoriais de um número de Estados, especificamente o Vietnã, as Filipinas e a Malásia (Gurung, 2018)

O objetivo deste trabalho é analisar como a crescente expansão chinesa no Mar da China Meridional afeta as relações entre a China e o Vietnã, tendo em vista a grande interligação diplomática e histórica existente entre esses dois Estados.

A China declara buscar o desenvolvimento econômico pacífico, e para atingir esse objetivo, uma de suas prioridades é a projeção de poder no Mar Sul da China, de forma a controlar o uso econômico e militar dessas águas. A grande ampliação das capacidades navais militares de sua marinha é parte desse plano com um grande esforço para modernização das armas e veículos navais chineses. (Gurung, 2018)

As relações entre a China e o Vietnã sempre foram instáveis, apesar de ambos os estados terem origem socialista, séculos de conquista pelo antecessor imperial da China moderna tornaram o Vietnã cauteloso em relação ao governo chinês. Em 1974, a China expulsou as forças do Vietnã das ilhas Paracel, e até hoje o Vietnã reivindica essas ilhas, e o mar ao seu redor como sendo ao território vietnamita e que discussões sobre essas ilhas devem permanecer em aberto, mas a China declara que não há mais o que dizer, e que as ilhas não estão sobre disputas de soberania (Tonesson, 2002).

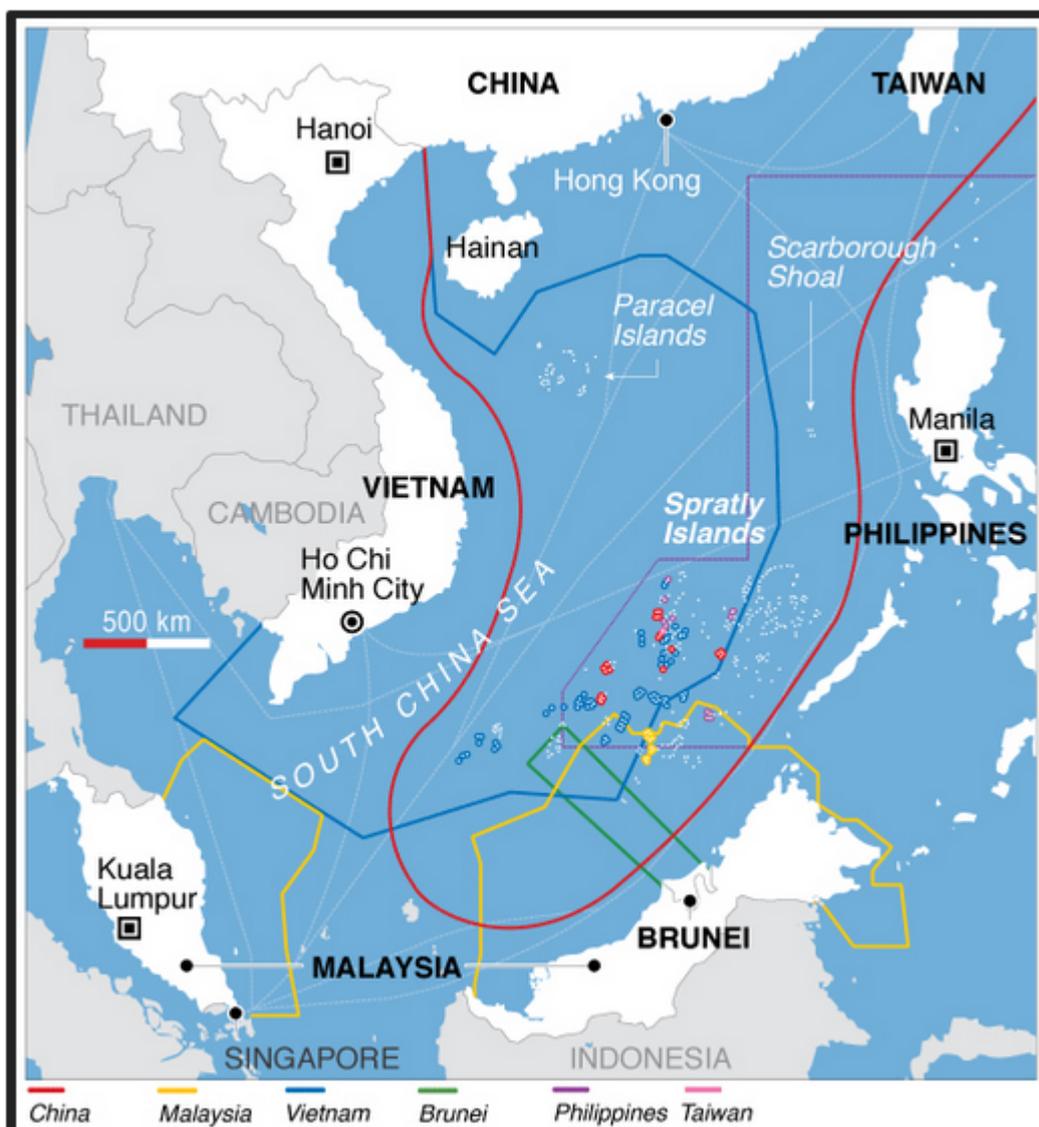
1 - O MAR DA CHINA MERIDIONAL

O Mar Sul da China é de extrema importância tanto econômica, quanto para comunicação internacional, aproximadamente U\$5.3 trilhões de dólares do comércio mundial e estima-se que 80% das importações de petróleo da China passem pela área (Pautasso, 2017). Mais da metade dos navios de pesca do mundo estão nessa região, e milhões de pessoas dependem dessas águas para sua alimentação e sustento.

Com tanta importância internacional, qualquer perturbação ou disputa nessas águas tem grande repercussões mundiais, pois não são somente os Estados da região que se interessam por esse mar; os Estados Unidos frequentemente mantém uma frota com Porta-Aviões fazendo exercícios militares na região. Embora os Estados envolvidos tenham mantido as disputas relativamente pacíficas, as marinhas de cada país se encontram numa corrida armamentícia, onde até mesmo os navios das guardas costeiras vem se armando.

As disputas entre o Vietnã e a China sobre o Mar Sul da China esfriam as relações entre os dois Estados, ameaçando a estabilidade da região, causando perdas econômicas e materiais ao Vietnã. A importância da região para as relações entre os Estados ao redor deste mar não pode ser superestimada, e o Vietnã engaja a China para seu próprio desenvolvimento econômico e para manter a paz e a estabilidade nas relações bilaterais e no Mar da China Meridional, ao mesmo tempo em que se equilibra contra a ameaça da China.

Figura 1 - Mapa das reivindicações territoriais do Mar Sul da China.



Fonte: *Territorial Claims - Maps* (2022)

As ilhas do Mar da China Meridional podem em grande parte ser agrupadas em duas cadeias insulares. As Ilhas Paracel estão agrupadas no canto noroeste do Mar e as Ilhas Spratly no canto sudeste. A história "verdadeira" dessas cadeias de ilhas tem sido discutida amargamente por seus seis principais requerentes: Brunei, China, Malásia, Filipinas, Taiwan e Vietnã. Alguns tentaram fundamentar suas reivindicações modernas, mostrando um registro longo e ininterrupto do controle nacional sobre os recursos reivindicados.

Esses Estados afirmaram que, por exemplo, seus nacionais pescaram nas ilhas ou as usaram para abrigo das tempestades. Em particular, a China assumiu um papel ativo em subsidiar as escavações arqueológicas para encontrar

evidências do uso exclusivo dos chineses aos muitos recursos desse mar desde tempos imemoriais (Hannes, 2014).

É difícil, senão impossível, verificar essas reivindicações (muitas das quais constituem pura propaganda). Nenhum tribunal imparcial ainda tentou esse desafio. Na medida em que é possível tirar conclusões da confusão, no entanto, parece justo dizer que nenhum requerente demonstrou de forma conclusiva o alegado controle histórico exclusivo sobre o Mar da China Meridional, ou mesmo sobre partes isoladas. De qualquer forma, a questão foi discutida pela maior parte da história da região. Durante a primeira metade do século XX, o mar permaneceu pacífico enquanto os Estados vizinhos concentraram sua atenção nos conflitos que se desenrolaram em outros lugares.

Não havia nenhum país reivindicando qualquer uma das ilhas nesse mar, até 1946, quando a China reivindicou algumas ilhas na cadeia de ilhas Spratly, e no início de 1947, a China se estabeleceu na Ilha Woody, parte da cadeia das Ilhas Parcels, cerca de duas semanas antes que os franceses e vietnamitas reivindicassem os mesmos lugares. Não tendo essa opção, eles se instalaram na vizinha Ilha de Pattle (Hannes, 2014).

Neste momento da história, o Mar da China Meridional não foi visto como uma prioridade por parte de qualquer um dos países vizinhos. Por essa razão, depois de sofrer sua derrota catastrófica nas mãos dos comunistas de Mao, as forças de Chiang Kai-shek recuaram para Taiwan e abandonaram suas estações no Mar da China Meridional.

O próximo meio século viu um interesse acelerado no Mar da China Meridional. Em 1955 e 1956, a China e Taiwan estabeleceram presenças permanentes em várias ilhas importantes, enquanto um cidadão filipino - Thomas Cloma - reivindicou grande parte da cadeia da ilha Spratly como sua. No início da década de 1970, os requerentes estavam mais uma vez mostrando interesse nessas ilhas (Scott, 2012).

Desta vez, a corrida foi estimulada por indicações de que poderia haver petróleo sob as águas do Mar da China Meridional. As Filipinas foi a primeira a se posicionar. A China seguiu logo depois com uma invasão marítima cuidadosamente coordenada de várias ilhas. Na Batalha das Ilhas Paracel, a China retirou vários recursos do controle do Vietnã do Sul, matando dezenas de vietnamitas e afundando uma corveta no processo.

Em 1974, a China expulsou as forças do Vietnã das ilhas Paracel, e até hoje o Vietnã reivindica essas ilhas, e o mar ao seu redor como sendo ao território vietnamita e que discussões sobre essas ilhas devem permanecer em aberto, mas a China declara que não há mais o que dizer, e que as ilhas não estão sobre disputas de soberania. (Gurung, 2018)

Em resposta, tanto o Vietnã do Sul como o Vietnã do Norte reforçaram as guarnições remanescentes e aproveitaram várias outras características desocupadas. Outra década de inatividade relativa foi pontuada mais uma vez com violência em 1988, quando Pequim se mudou para o Spratly e desencadeou outra rodada de ocupações pelos requerentes.

As tensões cresceram quando tropas chinesas ocuparam a força Johnson Reef, matando dúzias de marinheiros vietnamitas no processo. Após, as tensões diminuíram por alguns anos, apenas para subir de novo em 1995, quando Pequim construiu bunkers acima da ilha Mischief Reef na sequência de uma concessão de petróleo filipino. (Hannes, 2014)

A China declara buscar o desenvolvimento econômico pacífico, e para atingir esse objetivo, uma de suas prioridades é a projeção de poder no Mar Sul da China, de forma a controlar o uso econômico e militar dessas águas. A grande ampliação das capacidades navais militares da marinha Chinesa é parte desse plano com um grande esforço para modernização das armas e veículos navais chineses.

A disputa parecia estar melhorando em 2002, quando a ASEAN (*Association of East Asian Nations*) e a China se uniram para assinar a Declaração sobre a conduta de partidos no Mar da China Meridional. A Declaração procurou estabelecer um quadro para a eventual negociação de um Código de Conduta para o Mar da China Meridional.

As partes prometiam exercer uma cautela na condução de atividades que complicassem ou escalassem disputas e afetariam a paz e a estabilidade, incluindo, entre outros, não se estabelecer em ilhas inabitadas, e a resolver suas diferenças de maneira construtiva. Por um tempo, a Declaração parecia manter o conflito à distância. Durante os próximos 5 anos, os requerentes se abstiveram de se provocar uns aos outros, não buscando ocupar ilhas adicionais.

Em maio de 2009, a Malásia e o Vietnã enviaram uma submissão conjunta à Comissão sobre os limites da plataforma continental (CLCS: Commission on the Limits of the Continental Shelf), apresentando algumas das suas reivindicações.

Esta apresentação foi ferozmente contestada pelos outros requerentes. Em particular, a China respondeu à submissão conjunta enviando um mapa contendo a agora famosa linha dos “nove traços” (Scott, 2012)..

Esta linha serpenteia ao redor das margens do Mar da China Meridional e engloba todas as características territoriais do Mar, bem como a grande maioria das suas águas. No entanto, Pequim nunca oficializou o significado da linha. Em vez disso, manteve um silêncio estratégico e disse apenas que tem soberania indiscutível sobre as ilhas do Mar da China Meridional e as águas adjacentes e, além disso, goza de direitos soberanos e jurisdição sobre as águas, ao fundo do mar e ao subsolo.

Isso poderia significar que a China reivindica apenas as características territoriais no mar e quaisquer “águas adjacentes” autorizadas pelo direito marítimo. Ou isso poderia significar que a China reivindica todas as características territoriais e todas as águas cercadas pela linha de nove traços, mesmo aqueles que excedem o permitido por lei marítima.

Treinamentos militares com armas reais realizados pela Marinha do Vietnã nas águas perto das ilhas Paracel em junho de 2010 foram vistos como uma resposta deliberada à China, que havia realizado treinamentos similares anteriormente. O Vietnã protestou fortemente contra novos treinamentos da Marinha Chinesa realizados nessas mesmas águas em fevereiro de 2011.

A China claramente não confia no envolvimento de poderes estrangeiros nas negociações do Mar Sul da China, especialmente no caso dos Estados Unidos, com o ministro das Relações Exteriores dizendo que se a disputa for formada numa disputa multilateral, a situação só iria piorar.

A estabilidade nas relações bilaterais sino-vietnamitas destaca o sucesso da do Vietnã em evitar uma grande crise, que é focada em manter a equidistância das grandes potências.

Foi, inclusive, devido em grande parte ao Vietnã que levou o rumo da discussão a focar na internacionalização, tomando o cuidado de não se mostrar alinhado inteiramente como os EUA, mantendo uma distância variada de acordo com a situação. Os momentos de aproximação e distensão dos EUA e Vietnã de certa forma podem ser vistos como um resultado calculado, seguindo uma estratégia do governo vietnamita (Pinotti, 2015).

Pode-se dizer que os objetivos do Vietnã mudaram da típica securitização nacional, onde somente a paz e segurança pessoal do Estado importa, para um foco na securitização regional, onde os esforços do Estado se concentram em tentar melhorar as relações entre os Estados Regionais, aumentar o comércio e a interdependência econômica entre si, de forma a que se houver algum conflito entre algum dos Atores regionais, todos sejam afetados, ultimamente criando um ambiente onde todos possam se beneficiar.

Essa mudança estratégica não se mostrou totalmente bem-sucedida, com a China sendo uma das partes mais relutantes de participar de tal cooperação. Segundo Stein Tønnesson (2000) o motivo de tal relutância é uma combinação de uma competição com Taiwan para se mostrar como a “verdadeira China”, e como uma tentativa do governo para mostrar firmeza para sua própria população. O autor Kim Jijyun (2015 p. 133) menciona,

“(…) as disputas territoriais em curso no Mar Sul da China carregam enormes implicações para a segurança geral na Ásia e além. Com efeito, o problema dado pode ser visto como um caso de teste crítico que iluminaria a perspectiva das capacidades e vontade de Pequim de alterar o status quo”

E de fato pode-se perceber que a falta da vontade Chinesa de entrar em qualquer compromisso que diminua a sua reivindicação de controle absoluto sobre a região indicada pela linha de 11 raias bloqueou qualquer tentativa de resolver o conflito de forma multilateral (Barnes, 2022). Mas, de acordo com David Scott (2012), “Ongoing discussions may be little better than holding operations. However, they may have longer-term benefits”. As constantes negociações com os vários Estados envolvidos na disputa do Mar Sul da China criaram uma rede de cooperação que seria muito caro para a China ignorar.

Esta parte do Sudeste Asiático mostra os primeiros sinais de uma transição de poder após a ascensão da China. Os chineses dão prioridade máxima ao desenvolvimento econômico, e se utilizam desse poder econômico, político e militar para extrair concessões vantajosas na disputa do Mar do Sul da China.

Então, os Estados da região inevitavelmente irão enfrentar desafios à medida que a China continua a consolidar sua posição. A forma como os pequenos atores regionais escolhem mitigar tais crises e como a política das grandes potências se desenrola determinará o futuro das relações bilaterais sino-vietnamitas, e o sucesso da estratégia Vietnamita em evitar uma grande crise, diversificar as relações

econômicas para impulsionar o processo de reforma iniciado desde 1986 e manter a equidistância das grandes potências mostra sinais de esgotamento.

Se os atores da região não conseguirem manter o delicado equilíbrio, isso criará uma grande insegurança na região, perturbando o status quo.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

A situação no Mar Sul da China envolve uma miríade de fatores complexos, incluindo políticos, sociais, econômicos, ideológicos, e militares; e, além disso, é uma situação que ainda está em andamento, e com novos eventos acontecendo todo ano. Esses fatores tornam a sua análise teórica difícil.

Esse artigo irá se utilizar principalmente de uma teoria de estudo de conflito que se mostra relevante perante este conflito; a escola de pensamento neorrealista brotando principalmente de Kenneth Waltz com seu livro *Theory of International Politics* lançado em 1979.

O Neorrealismo ou realismo estrutural é uma variante do realismo. O realismo estrutural compartilha as ideias centrais com todas as outras teorias realistas, como o realismo clássico e o realismo neoclássico. Ele insiste na noção de poder geralmente descrita como capacidades militares como seu argumento essencial.

A luta pelo poder não tem raízes na natureza humana, como o realismo clássico, mas no sistema anárquico. Os realistas estruturais acreditam que a ausência de uma autoridade suprema sobre os Estados e o desequilíbrio de poder da política internacional causam uma anarquia e uma luta pelo poder entre os Estados (Waltz 1979).

No que diz respeito ao equilíbrio de poder, a definição comum entre os realistas diz que se a sobrevivência de um estado ou de um grupo de estados está ameaçada por uma hegemonia, esses estados devem formar uma coalizão e buscar apoio do poder do lado oposto. De fato, observando o equilíbrio de poder, o conceito já significa um equilíbrio de poder e, neste caso, não há domínio nem ameaça de um lado para o outro.

O Neorrealismo pode ser considerado uma teoria dedutiva focada em trazer conclusões lógicas. Ambas as teorias são baseadas em estados como os principais atores e a crença de que os estados existem em um princípio organizacional anárquico, desprovido de poderes exagerados ou governança global. Um estado nesta ordem mundial anárquica age de acordo com certas variáveis (Mearsheimer, 2001).

Os neorealistas acreditam que em uma sociedade anárquica, cada ator (estado) não tem outra escolha além de buscar uma política que traga benefícios para si, já que outros estados são vistos como concorrentes e não podem ser confiados já que o poder é como um jogo de soma zero. O objetivo geral de cada estado é no mínimo sobreviver e no máximo obter a hegemonia.

Para atingir seus objetivos, os Atores Internacionais Estatais buscam ter “State Capabilities” (Mearsheimer 2001). As capacidades do estado são baseadas em cinco considerações.

1: Acesso a recursos naturais. A dependência de outros estados por recursos naturais colocará em risco o poder militar.

2: Força econômica.

3: Números demográficos. Ter uma população grande significa que é mais fácil de construir e manter as forças armadas, além de dar acesso a mão de obra para vários projetos do governo.

4: Avanços tecnológicos. Grandes conquistas em tecnologia aumentariam o poder relativo de cada unidade militar.

5: Força militar. Quanto maior força o Estado é capaz de projetar, mais os outros serão forçados a tomar a ameaça do Estado de forma séria.

Naturalmente esse gráfico de capacidades terá valores diferentes em cada estado, o que criará uma capacidade relativa de cada estado, termo criado pelos neorealistas. A diferença na capacidade relativa está intimamente ligada ao dilema de segurança.

O dilema de segurança é entendido como quando um Ator Internacional ganha uma capacidade relativa mais alta que outros Atores próximos. Isso faz com que os outros atores tenham medo desse desenvolvimento, fazendo com que esses Atores busquem aumentar sua própria capacidade para garantir a sobrevivência de seus Estados. Isso causaria ao Estado que já havia aumentado sua capacidade a querer mais uma vez aumentar suas capacidades, o que faria com que outros Estados quisessem aumentar ainda mais, e assim vai, em uma espiral sem fim.

Um realista defensivo como Waltz argumentaria que existe uma maneira de escapar do dilema da segurança. Como cada estado está buscando segurança e não somente poder; os Estados podem criar alianças com Estados mais fortes e garantir sua segurança desta forma.

Waltz, em sua obra *Theory of International Politics*, considerou o sistema internacional usando uma estrutura com 3 componentes: O princípio de organização, a diferenciação de unidades e a distribuição de capacidades.

Enquanto o princípio de organização tem 2 níveis diferentes, a anarquia se expressa com a descentralização do poder na política internacional e a hierarquia dentro da ordem doméstica, as unidades do sistema internacional se referem aos e a distribuição de capacidades se refere aos resultados internacionais.

Por causa do sistema anárquico onde não há um poder central, as unidades (Estados) tendem a se mover ao mesmo tempo com o objetivo de obter mais benefícios para si. Como elas agem de forma independente, a competição entre elas também aumenta e a possibilidade de cooperação é limitada devido à distribuição desigual de poder.

Nos diferentes níveis de ordem doméstica onde há uma hierarquia, as unidades são mais interativas. Na perspectiva realista defensiva, a definição de anarquia significa a ausência de um governo acima dos estados e também a presença de caos e desordem. Para reforçar seu argumento sobre a anarquia no sistema internacional, Waltz distingue o processo e a estrutura do sistema que sempre parece ser ordeiro e pacífico. De acordo com Waltz, “as estruturas internacionais limitam e restringem o exercício da soberania, mas apenas de maneiras fortemente condicionadas pela anarquia do sistema mais amplo.”

Em relação à ideia de equilíbrio de poder, os realistas defensivos argumentam que na anarquia sem um poder central, a sobrevivência é a prioridade número um dos estados e o equilíbrio de poder nesta condição deve assegurar um mecanismo para os estados garantirem sua sobrevivência.

Esse argumento se aproxima da teoria de jogos de soma zero, na qual os estados tentam aumentar seus benefícios em vez de cooperar entre si. Os Estados, portanto, devem ser sensíveis à distribuição de capacidades ou distribuição de poder de outros Estados, porque outros Estados podem usar a força para obter mais benefícios e “a preocupação final dos Estados não é com o poder, mas com a segurança”. O realismo defensivo neste ponto prefere insistir que os Estados tentam maximizar a segurança mais do que o poder e contam com sua própria capacidade ou medidas de autoajuda para garantir sua segurança. Waltz, nessas suposições, pensou que o sistema bipolar poderia ser o mecanismo ideal para manter o

equilíbrio de poder porque era fácil de gerenciar com menos estados envolvidos na competição.

Realistas ofensivos, como Mearsheimer (que em 2022 declarou que a estratégia de engajamento americana com a China foi uma “*Strategic Blunder*”), entretanto, acreditam que os Estados não buscam segurança, mas são inerentemente agressivos e buscam poder e hegemonia, eliminando assim qualquer outra chance de escapar do dilema da segurança. A forma neorrealista de buscar ganhos relativos pode ser descrita como um jogo de soma zero, ou seja, se um ator ganha alguma coisa, o outro ator/atores perde a mesma quantia, mantendo assim a soma do jogo em zero constante.

Mearsheimer compartilha ideias básicas com o realismo defensivo enquanto insiste que os estados buscam o poder, e a anarquia da estrutura internacional obriga os estados a maximizar sua posição de poder relativo e todos os estados buscam oportunidades de ganhar poder às custas de outros estados.

Ele apresentou 5 pressupostos para explicar por que os Estados buscam o poder: uma anarquia do sistema internacional que significa que não há autoridade central acima dos Estados; grandes potências possuem algumas capacidades militares para ferir outros estados; os estados nunca podem ter certeza sobre a intenção de outros estados; a sobrevivência é o objetivo principal das grandes potências; e as grandes potências são atores racionais.

Embora as suposições de Mearsheimer concordem que os estados são motivados a acumular poder para garantir sua segurança contra os ataques de outros, os realistas ofensivos concebem que a necessidade de poder dos estados é ilimitada, em contraste com Waltz, e a competição entre grandes potências é infinita.

Assim como a teoria defensiva, John Mearsheimer diz que o Sistema Internacional é fundamentalmente anárquico, e que os chamados “Grandes Poderes” são os protagonistas deste Sistema. Esses grandes poderes estão sempre insatisfeitos com a distribuição de poder, buscando mudar a situação para conseguir maiores benefícios para si, numa competição para sua sobrevivência, fundamentada pelos seguintes fatores: 1: Não há uma autoridade maior acima dos Estados. 2: Todo Estado possui uma capacidade militar. 3: Não é possível saber com certeza das intenções dos outros Estados.

Portanto, para essas grandes potências, a única solução aceitável seria se tornar a única grande potência existente. Usando essa base, o autor analisa a

situação na Ásia, postulando que para entender a situação na Ásia, deve-se analisar a maneira como as potências regionais se comportam e como outros responderiam a tal comportamento.

Outro ponto importante na teoria de Mearsheimer é sobre a hegemonia global que seria impossível, exceto para um estado que adquiriu uma “superioridade nuclear clara” ou uma capacidade de destruir seus rivais sem medo de retaliação. Para contestar, outros teóricos podem argumentar que essa capacidade é quase impossível com o fato de que qualquer potência nuclear global pode tomar um contra-ataque retaliatório e, até agora, a hegemonia só pode ser regional. Essa hegemonia regional buscaria impedir que outros Estados se fortalecessem por serem seus potenciais concorrentes. Essa dupla de competidores manteria um equilíbrio de poder na região.

Explicando o comportamento do estado, Mearsheimer argumenta que as grandes potências temem umas às outras porque têm capacidade de atacar umas às outras. Os Estados no sistema internacional devem assegurar sua própria sobrevivência e agir em autoajuda de acordo com seus próprios interesses e não vincular seus interesses a outros Estados ou mesmo à comunidade internacional. Os Estados devem estar atentos ao poder distribuído entre eles e tentar maximizar o poder, mesmo quando possuem vantagens militares sobre seus rivais, devem continuar buscando mais poder, até alcançarem a hegemonia.

Em seu livro “*The tragedy of great power politics*”, Mearsheimer afirmou que a Rússia e a China eram as duas grandes potências, embora suas forças pudessem ser mais fracas do que as dos EUA.

Analisando as condições em que os EUA se tornaram grande potência e dominaram o Hemisfério Ocidental, Mearsheimer conclui que se a China mantiver seu crescimento econômico nas próximas décadas, é provável que imite os EUA para se tornar grande potência e dominar a Ásia porque isso leva ao objetivo final de sobrevivência em um sistema anárquico.

Além disso, com o aumento do poder, a China tem mais vantagens para resolver as disputas que envolve a seu favor, porque não há autoridade superior ao Estado e ela atua em um sistema anárquico. Com sua realpolitik, a China busca maximizar a lacuna de capacidade com seus países vizinhos, da Índia, Japão à Rússia. Essa lacuna de capacidade ajuda a garantir sua segurança e evita que

outros países ameacem a China. Mearsheimer também argumenta que, para alcançar a hegemonia regional, a China pode atacar outros países.

3 - METODOLOGIA E DADOS EMPÍRICOS

Esse artigo busca descobrir qual o impacto da atitude de dominação que a China vem tomando em relação ao Mar da China Meridional nas relações diplomáticas e econômicas com o Vietnã, e o efeito Geopolítico do aumento das tensões entre os dois Estados devido às disputas geradas pelas reivindicações feitas por Pequim. Para descobrir os efeitos causados pela situação do Mar Sul da China ao longo do tempo, será necessário utilizar o método de dependência da trajetória e analisar a trajetória histórica de ambos os Estados em relação ao Mar em disputa, verificando os pontos críticos onde as decisões moldaram as futuras decisões destes Estados.

Além disso, é preciso estudar a situação econômica e diplomática da região, antes e depois da China publicar o mapa com a Linha de 11 raias, com uma análise do contexto histórico que informou as decisões de cada Estado levando a sua trajetória atual.

Os dados econômicos para tal análise foram obtidos pelos sites World Economic Outlook database, e World Bank, enquanto os dados geopolíticos foram obtidos pelo site oficial da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) além de outros artigos online. Os Diplomáticos foram obtidos com tanto o site da ASEAN quanto declarações oficiais dos governos, traduzidos oficialmente para Inglês pelo site oficial do ministério das relações exteriores da China, e pelo site oficial do ministério das relações exteriores do Vietnã. O foco deste estudo é entre as relações Estatais, portanto a pesquisa foi feita com abordagem centrada no Estado.

A análise desses dados será feita tendo como base o contexto histórico e geográfico dos dois Estados, estudando sua trajetória política após a segunda guerra mundial, guerra e reunificação do Vietnã, e suas interações com outros Estados relevantes, como os Estados Unidos e o Japão. Para alcançar o objetivo geral deste estudo, foi comparada as diferentes influências que atuam nos conflitos do Mar da China Meridional e nas disputas marítimas.

3.1 - RELAÇÕES SINO-VIETNAMITAS

A publicação da linha de nove traços foi o grande ponto crítico que fez com que os Estados da região ficassem cada vez mais preocupados com os objetivos aparentes da China no Mar da China Meridional. Em 2012, Pequim confirmou algumas dessas preocupações quando obteve o Recife Scarborough das Filipinas.

Os dois Estados haviam entrado em conflito devido a denúncias de caça ilegal por pescadores chineses. Depois de um período de dois meses, as partes concordaram em retirar-se do recife. Manila se removeu, Pequim não (Gomez, 2016). Desde então, a China excluiu os barcos filipinos das águas do local.

Em resposta a essa situação, as Filipinas apresentaram um processo de arbitragem contra a China em 22 de janeiro de 2013, sob os auspícios da Convenção da U.N. sobre o Direito do Mar (UNCLOS). As reivindicações filipino centram-se em torno de questões de direito marítimo, embora Pequim afirme que as mesmas não podem ser resolvidas sem decidir as questões territoriais em primeiro lugar. Se utilizando dessa razão, a China se recusou a participar dos procedimentos. No entanto, ela publicou sua posição contra a jurisdição do tribunal. As Filipinas apresentaram uma resposta ao documento de posição da China, e ambas as nações estão atualmente aguardando uma decisão do tribunal.

Enquanto o caso prossegue em segundo plano, Pequim adotou uma postura cada vez mais ativa na região. No início de maio de 2014, uma empresa de petróleo estatal chinesa transferiu uma de suas plataformas para as águas reivindicadas pelo Vietnã ao sul das Ilhas Paracel (Gurung, 2018). Essa ação provocou confrontações entre os navios vietnamitas e chineses em torno da plataforma, bem como os tumultos contra empresas estrangeiras em partes do Vietnã. Diante dessa reação, a China retirou a plataforma em meados de julho, um mês antes do planejado.

Nos últimos anos, Pequim lançou uma campanha acelerada de recuperação de terras no Mar do Sul da China (Hunt, 2022). Desde 2014, a China vem construindo ilhas artificiais para impor suas reivindicações na região (NBC News, 2022). Lentamente no início, mas com um ritmo cada vez mais rápido, várias ilhas começaram a ser construídas; chegando a um total de 27 ilhas em 2023 (Asia Maritime Transparency Initiative, 2023). Essas ilhas servem como bases logísticas e pistas de pouso para a marinha chinesa, permitindo o controle irrestrito da região.

Construindo nos recifes do Mar da China Meridional, a China persegue múltiplos objetivos, incluindo a garantia da segurança da expansão de vias marítimas, ampliando a proteção marítima às suas águas regionais e desenvolvendo capacidades para realizar operações de segurança não convencionais fora da região.

A decisão de construir ilhas artificiais causou profundos efeitos na situação diplomática da região, levando o Vietnã a construir seus próprios postos marítimos e suas próprias campanhas de recuperação de terras. O Vietnã ocupa em 2023, 49 postos avançados marítimos (Asia Maritime Transparency Initiative, 2023).

Em 2010, a República Popular da China (RPC) adicionou um navio fortemente armado (o CCG3210 - armado com metralhadoras e canhões) para sua guarda costeira (Beckhusen, 2022), preocupando os países da região. Em março de 2013, ocorreu um incidente onde a guarda costeira chinesa entrou nas águas da Indonésia e interferiu na prisão da tripulação de um navio de pesca chinês capturado pescando ilegalmente nas águas da Indonésia. Usando suas armas muito maiores, o navio chinês encurralou um navio de patrulha da guarda costeira da Indonésia e resgatou a tripulação chinesa.

A decisão de armar sua guarda costeira causa uma corrida armamentista entre os Estados da Região, aumentando a tensão regional, levando a mais incidentes. À medida que esses tipos de incidentes se tornam mais frequentes, com a própria Indonésia capturando e explodindo regularmente navios de pesca ilegais, as guardas costeiras de vários países da região, incluindo a Indonésia, o Vietnã e a Malásia, começaram a armar seus navios, usando-os como uma forma de retaliar em águas internacionais sem chegar ao ponto de declarar guerra.

Relações RPC-Vietnã, melhorando a partir de um ponto baixo do conflito militar ao longo de sua fronteira terrestre em 1979, foram normalizadas até certo ponto com o Tratado de Fronteiras Terrestres (1999), o Acordo sobre a Demarcação das Águas, Zonas Econômicas Exclusivas e Plataformas Continentais no Golfo de Tonkin (2000), e o Acordo de Cooperação Pesqueira no Golfo de Tonkin (2004). No entanto, enquanto a fronteira terrestre e as águas do Golfo de Tonkin foram relativamente estabilizadas, o Mar da China Meridional continua sendo uma área de confronto entre esses dois vizinhos (Gurung, 2018).

As reivindicações mantidas pelos vietnamitas são, depois da China, as segundas maiores no Mar da China Meridional. As reivindicações vietnamitas e

chinesas são de natureza semelhante: uma plataforma continental e uma EEZ (*Exclusive Economic Zone*) de 200 milhas náuticas, bem como reivindicações históricas de controle sobre dois arquipélagos, as Ilhas Paracel (no Vietnã conhecida como Hoang Sa; na China, Xisha) e as Ilhas Spratly (no Vietnã Truong Sa; na China, Nansha) no Mar da China Meridional.

As tropas da RPC expulsaram as forças sul-vietnamitas das Paracels em 1974, e desde então, o Vietnã unificado argumenta que as ilhas Paracels continuam sendo um assunto que precisa ser discutido, mas os chineses insistem que as Paracels não devem ser assuntos de nenhum tipo de discussão, ou qualquer negociação de soberania; e mais recentemente, 26 Proibições anuais de pesca impostas pela RPC nas águas de Paracels em 2009, 2010, 2011 e 2012 foram rejeitados pelo Vietnã precisamente porque cobrem águas territoriais e de EEZ que já faziam parte de reivindicações vietnamitas (Tønnesson, 2014).

Em meados de 2010, tanto os chineses como os vietnamitas realizaram exercícios militares em águas perto das ilhas Paracels, com os exercícios do Vietnã vistos como uma resposta deliberada ao precedente chinês, e em seguida O Vietnã protestou fortemente contra novos exercícios navais pelo Comando do Mar da China Meridional da China nas águas ao redor dessas ilhas em Fevereiro de 2011, e em 2012 Pescadores vietnamitas foram novamente confrontados por unidades da RPC, gerando mais protestos do Vietnã e reafirmações mútuas de soberania de ambos os países. Mais ao sul, tanto o Vietnã quanto a RPC realizaram a ocupação de recifes e atóis até então negligenciados das ilhas Spratlys durante a década de 1980. Isso também envolveu escaramuças navais e baixas em 1988. A partir do início de 2012, o Vietnã controlava mais Spratlys do que a RPC, incluindo Spratly Island (Dao Truong Sa) e uma pista de 600 metros (Asia Maritime Transparency Initiative, 2023).

Houve uma tentativa de desescalada do conflito com a declaração ASEAN-China em 2002 (*Joint Declaration of ASEAN and China on Cooperation in the Field of Non-Traditional Security Issues*) sobre a conduta das partes no mar do sul da china mas ficou claro que a corrente de decisões e a trajetória seguida pela China, Vietnã, e outros Estados da região não permitiria a resolução do Conflito, especialmente para a China, que ainda não havia atingido os objetivos decididos quando a linha de nove rais foi publicada em 1948.

Apesar dessa declaração, houve um número crescente de incidentes relacionados à pesca e à energia nas disputadas águas de Spratly entre o Vietnã e a China durante 2010-11. Nesta atmosfera de atrito crescente, o Ministério das Relações Exteriores da China explicou em termos robustos o corte de cabos lançados por navios vietnamitas que conduziam explorações sísmicas/energéticas em maio e junho de 2011. Autoridades da RPC alegaram que o Vietnã violou a soberania da China, assim como os direitos marítimos e que estavam explorando petróleo e gás ilegalmente. (Tønnesson, 2014)

Barcos de pesca vietnamitas também foram atacados por navios militares da RPC em maio. O governo Chinês não hesitou em declarar que iria se utilizar de quaisquer meios necessários para defender a região do mar que considera sua, inicialmente com forças policiais, e, se necessário, com forças navais militares.

Depois de vários anos de declarações conjuntas insípidas, um Acordo sobre Direitos Fundamentais Princípios para Orientar a Solução de Controvérsias Marítimas foi assinado em outubro de 2011. A posição da RPC continua a ser diametralmente oposta ao do Vietnã. Em várias ocasiões, Pequim declarou que tem soberania indiscutível sobre as águas do mar sul da china e das águas adjacentes (Tønnesson, 2014).

Uma vez que a RPC se comprometeu publicamente com a trajetória de reivindicar a soberania de todo o Mar do Sul da China; voltar atrás nessa decisão, mesmo que apenas para o status de uma reivindicação que não é cumprida, será muito difícil.

O Vietnã tem assumido uma posição oposta, que tem soberania igualmente indiscutível sobre as ilhas Paracel e Spratley e consequente jurisdição sobre grandes extensões de águas no Mar da China Meridional. Durante 2010-12, o Vietnã buscou apoio externo e continuou seu próprio programa de construção e aquisições militares. Voltou-se em parte para a ASEAN, tentando obter a solidariedade do bloco regional por trás disso. Em parte, abordou a Índia, cuja marinha tem se destacado regularmente no Mar da China Meridional desde 2000 e com quem o Vietnã estabeleceu vínculos de defesa e uma parceria estratégica; e principalmente, buscou a ajuda dos Estados Unidos.

As visitas de porta-aviões e navios militares dos EUA às águas vietnamitas em 2010 e 2011 enviaram sinais amplamente divulgados na região e na RPC. Pequim respondeu que o Vietnã está tentando internacionalizar e multilateralizar as

disputas sobre o território do Mar da China Meridional e deseja obter a ajuda dos Estados Unidos para contrabalançar a China. A quarta reunião do Diálogo Estratégico EUA-Vietnã, foi explicada pelo Departamento de Estado dos EUA como tendo foco na segurança marítima no Mar da China Meridional. Isso recebeu críticas imediatas da China, que declarou que nunca mudará sua posição oficial sobre esses mares, e que o Vietnã deveria “controlar sua ambição” e deixar de depositar suas esperanças com os Estados Unidos (Tønnesson, 2014).

Apesar disso, os laços entre os EUA e o Vietnã continuaram a ser fortalecidos em 2012, quando os Estados Unidos lançaram um memorando formal (MOU - *Memorandum of Understanding*) de cooperação defensiva, declarando que o Vietnã está modernizando suas forças armadas e olha para os EUA como um parceiro na manutenção da segurança e estabilidade no Sudeste Asiático, particularmente no Mar da China Meridional, e que USPACOM (*United States Pacific Command*) continuará a colaboração com o Vietnã no fornecimento de segurança (joint statement by president barack obama of the united states of america and president truong tan sang of the socialist republic of vietnam, 2022).

O Japão é outro parceiro importante do Vietnã na disputa do Mar Sul da China. Eles ampliaram o escopo do envolvimento marítimo entrando em uma parceria estratégica em 2014. Desde o acordo, Tóquio entregou quatro dos seis navios de patrulha a partir de 2015 como um compromisso para o avanço da capacidade marítima de Hanói.

Em 2017, eles concluíram o quinto diálogo de política de defesa Vietnã-Japão e concordaram em continuar a cooperação em segurança marítima, indústria de defesa e transferência de tecnologia. E em uma visita histórica, o submarino da Força de Autodefesa Marítima Japonesa, Kuroshio, atracou no porto estratégico de Cam Ranh pela primeira vez em setembro de 2018 (Japan-Vietnam joint statement on the strategic partnership for peace and prosperity in asia, 2010).

Essas alianças formais são importantes para o Vietnã insistir na solução multilateral da disputa desse mar, manter rotas marítimas livres e abertas na região. Portanto, os países da região monitoram de perto a ascensão da China e sua política sobre o Mar da China Meridional, apesar de seus robustos laços econômicos bilaterais.

O Vietnã não se sai bem em termos de comércio bilateral com a China, que é seu maior parceiro comercial, Hanói apresenta uma balança comercial negativa, que

chega a bilhões de dólares (Observatory of Economic Complexity, 2022). O ganho econômico bilateral é apenas uma fração do déficit comercial. Se fatores como a tirania da geopolítica permanecem constantes, a resposta do Vietnã é no tom mais brando em relação às incursões no Mar Sul da China porque Hanói avalia a importância do comércio e dos projetos de infraestrutura financiados pela China .

Notavelmente, Pequim é o terceiro maior investidor estrangeiro direto depois do Japão e da Coreia do Sul (Observatory of Economic Complexity, 2022). Ao mesmo tempo, o partido comunista, pela afinidade partidária, é um importante determinante das relações sino-vietnamitas. A estabilidade nas relações bilaterais sino-vietnamitas mostra o sucesso da estratégia diplomática do Vietnã que foca em evitar uma grande crise, em diversificar as relações econômicas para impulsionar o processo de reforma iniciado desde 1986 e em manter uma distância igual com as grandes potências.

Essa estratégia diplomática entrelaçou os interesses dos EUA, China, Japão, Coreia do Sul e Vietnã, fazendo com que pelo menos no curto e médio prazo, seus interesses se entrelaçam, incentivando a cooperação entre os Estados (Gurung, 2018).

3.2 - O OBJETIVO DO VIETNÃ NO MAR SUL DA CHINA

A questão desse mar envolve elementos econômicos, políticos, securitários e culturais que tornam o tema complexo e sensível na visão dos envolvidos e de atores externos. Portanto, Hanói emprega uma estratégia de "*hedging*" juntamente com a estratégia dos "três nãos" para enfrentar os desafios de segurança contemporâneos (Tonesson, 2000).

"*Hedging*" é uma política multifacetada empregada para alcançar agendas de aversão ao risco de longo prazo. Nas relações internacionais (RI), o hedging é entendido como um comportamento estratégico complexo que protege contra o oportunismo e aumenta o poder de negociação coletiva dos Estados. Combina decisões estratégicas racionais, balanceamento brando indireto e vinculação dupla institucionalizada, caracterizada pela interdependência regional. O *hedging* é proativo e está em estado de fluxo, buscando negociar novos complexos de segurança que surgem na região, por exemplo, escaramuças em alto mar e conflitos internacionais devido à disputa pela primazia entre as grandes potências. Os "três Nãos", por outro lado, representam uma postura estática e significam uma política inflexível do Vietnã.

A política dos "três nãos" do Vietnã contemporâneo é ideologicamente neutra e omnidirecional. A abordagem é autoexplicativa, mas deve ser entendida em sua forma mais simples e avaliada em relação ao pano de fundo da estratégia do Mar Sul da China do Vietnã. A política é constitutiva dos seguintes procedimentos:

(a) Sem tropas estrangeiras em solo vietnamita: o Vietnã se opõe ao estabelecimento permanente ou temporário de bases militares por potências estrangeiras em seu território soberano.

(b) Sem balanceamento externo: A segunda política reflete a política do Vietnã de oposição à aliança com potências estrangeiras para servir de balança contra um determinado país. O Vietnã buscará engajamentos multilaterais nas esferas econômica, estratégica, política e de segurança, mas evitará se unir contra um país para contribuir para a coexistência pacífica na região. Assim, Hanói se opõe à ideia de equilíbrio militar (interno e externo).

(c) Nenhuma aliança militar: Hanói aderiu ao princípio de que Não há Nações Favorecidas (NFNs *No Favored Nations*) em termos de coalizões militares

exclusivas. Cada país carrega a mesma importância para o Vietnã no campo econômico e político. A política acima mencionada tem uma influência importante, especialmente no caso da política da China e do Vietnã no SCS.

As relações sino-vietnamitas são guiadas também pelo princípio dos “quatro bons essenciais”, que são bons vizinhos, bons amigos, bons camaradas e bons parceiros. Com base nos princípios acima, Hanói busca que o diálogo internacional seja feito de forma a minimizar o antagonismo, maximizar os benefícios econômicos e construir confiança estratégica, sem perturbar as relações existentes com Pequim e outras potências estrangeiras como Washington.

O objetivo fundamental da estratégia vietnamita é sinalizar neutralidade em relação à política das grandes potências e proteger-se dos efeitos devastadores da escolha de lados para diversificar as relações econômicas, políticas e estratégicas, que de outra forma são percebidas como sensíveis na arena regional e internacional. A ascensão econômica da China acentua a dependência vietnamita, mas as ações assertivas de Pequim no contestado mar sul da China empurram Hanói para a diversificação estratégica e de defesa.

Essa abordagem vietnamita multifacetada modera as relações de poder assimétricas, fortalecendo os laços multilaterais econômico-estratégicos de defesa para combater a crescente dependência e, indiretamente, suavizar a China no contexto da política regional. Assim, o Vietnã nunca se curva totalmente, nem se equilibra no contexto da política regional em geral e da crise marítima do SCS em particular. O Vietnã espera que a teia de compromissos cooperativos e arranjos funcionais resulte em um acordo politicamente muito caro para ser desfeito, que faria com que a China se comprometesse a uma política não confrontacional de longo termo.

A política externa usada pelo Vietnã visa precisamente atingir estes dois objetivos. Essa estratégia é a melhor aposta do Vietnã para manter o desenvolvimento/reforma econômica e relativa independência na formulação de políticas em relação ao SCS vis-à-vis a China. Essa estratégia diplomática ajuda Hanói a exercer pressão diplomática mínima para convencer Pequim a não se envolver em comportamento provocativo no SCS, protegendo sua segurança e sinalizando uma política externa imparcial por meio dos “três nãos”, criando um incentivo cada vez maior para a China colaborar.

O Vietnã busca mudar o foco de sua estratégia da Segurança Nacional à Segurança Humana; muitas dos pré-requisitos para tal transformação foram estabelecidas, como uma mudança de foco da força militar para a busca de desempenho econômico, uma melhoria nas relações entre os estados regionais, a criação de redes regionais formais e informais entre especialistas jurídicos e especialistas em assuntos marítimos, a adoção de medidas de fortalecimento da confiança e a elaboração de um projeto de código de conduta que pode, ou não, ser negociado com sucesso com a China.

Essas mudanças básicas não se traduziram, no entanto, em esforços decisivos para administrar a disputa no Mar da China Meridional, ou para estabelecer regimes cooperativos em domínios específicos. O mais hesitante dos estados requerentes tem sido a República Popular da China, que está sob pressão de retórica herdada, impulsos nacionalistas e competição contínua com Taiwan por legitimidade nacional, para defender suas reivindicações exageradas de "território marítimo". O comportamento da RPC no Mar da China Meridional também pode, às vezes, ser entendido como uma tentativa do governo de demonstrar determinação para sua própria população.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta parte do Sudeste Asiático mostra os primeiros sinais de uma transição de poder após a ascensão da China. Os chineses dão prioridade máxima ao desenvolvimento econômico, e se utilizam desse poder econômico, político e militar para extrair concessões vantajosas na disputa do Mar do Sul da China.

Então, os Estados da região inevitavelmente irão enfrentar desafios à medida que a China continua a consolidar sua posição. A forma como os pequenos atores regionais escolhem mitigar tais crises e como a política das grandes potências se desenrola determinará o futuro das relações bilaterais sino-vietnamitas, e o sucesso da estratégia Vietnamita em evitar uma grande crise, diversificar as relações econômicas para impulsionar o processo de reforma iniciado desde 1986 e manter a equidistância das grandes potências mostra sinais de esgotamento. Se os atores da região não conseguirem manter o delicado equilíbrio, isso criará uma grande insegurança na região, perturbando o status quo. No entanto, uma característica positiva dos países do Sudeste Asiático, como o Vietnã, é que eles continuamente ajustaram suas políticas externas para atender às demandas da altamente incerta política regional e internacional, contribuindo para a estabilidade regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKHUSEN, Robert. *China's New South China Sea Weapon: Super Coast Guard Ships*. Disponível em <<http://nationalinterest.org/blog/the-buzz/chinas-new-south-china-sea-weapon-super-coast-guard-ships-16428>> Acesso em: 24 de novembro 2022.

BARNES, Julian E (2013). *China Rejects Multilateral Intervention in South China Sea Disputes*. Wall Street Journal website. 30 junho 2022. <<https://www.wsj.com/articles/SB10001424127887323324904579042742806878158>> 10 de maio de 2022.

CHINA ISLAND TRACKER. In: Asia Maritime Transparency Initiative, 2023. Disponível em: <<https://amti.csis.org/island-tracker/china/>> Acesso em: 26 de Março de 2023.

CHINA-VIETNAM TRADE BALANCE. In: Observatory of Economic Complexity. Disponível em: <<https://oec.world/en/profile/bilateral-country/chn/partner/vnm>> Acesso em: 15 de Outubro de 2022.

GURUNG, Ananta S. B. *China, Vietnam, and the South China Sea*. Indian Journal of Asian Affairs, Vol. 31, Nos. 1/2 (June - December 2018), pp. 1-20

HANNES, Nilsson. *Water is thicker than Blood* (2014). Lunds University Institute for Political Science Peace and Conflict Studies.

HUNT, Katie. *Report: China building new islands in disputed waters*. Disponível em <<http://edition.cnn.com/2015/02/17/asia/china-south-china-sea-reclamation/>> Acesso em: 24 de novembro 2022.

JOINT STATEMENT BY PRESIDENT BARACK OBAMA OF THE UNITED STATES OF AMERICA AND PRESIDENT TRUONG TAN SANG OF THE SOCIALIST REPUBLIC OF VIETNAM. In: Obama whitehouse archives. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2013/07/25/joint-statement-president-barack-obama-united-states-america-and-preside>> Acesso em: 13 de Outubro de 2022

WALTZ, N. Kenneth, *Theory of International Politics*. Waveland Press, Long Grove IL. 2010.

KIM, Jihyun (2015). *Territorial Disputes in the South China Sea: Implications for Security in Asia and Beyond*. Strategic Studies Quarterly, Vol 9, No. 2 (Summer 2015), pp. 107-141, Air University Press.

MEARSHEIMER, John (2001). *The Tragedy of Great Power Politics*. W. W. Norton & Company, New York City, Updated Edition, 2014.

MEARSHEIMER, John (2004). *Can China Rise Peacefully?*. <<http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/A0034b.pdf>> data de acesso: 26 de junho de 2022.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Ministry of Foreign Affairs, the People's Republic of China, 2014. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/> Acesso em: 07 de Fevereiro de 2023.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF VIETNAM. Bản quyền của Vụ Thông Tin Báo Chí - Bộ Ngoại Giao, 2018. Disponível em: <https://www.mofa.gov.vn/en/bng_vietnam/> Acesso em: 07 de Fevereiro de 2023.

NBC News. *South China Sea Artificial Islands Have Weapons Installed: Report*. Disponível em <<http://www.nbcnews.com/news/china/south-china-sea-artificial-islands-have-weapons-installed-report-n696311>> Acesso em: 24 de novembro 2022.

PAUTASSO, Diego; DORIA, Gaio (2017). *A China e as disputas no Mar do Sul: Entrelaçamento entre as dimensões regional e global*. Revista de Estudos Internacionais (REI), ISSN 2236-4811, Vol. 8 (2), 2017

PINOTTI, Talita de Mello (2015). *As Relações entre China e Vietnã no Mar Sul da China: Perspectiva Asiática de Análise*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

GOMEZ, Jim (2016). Philippine diplomat to China: Don't turn shoal into island. In: Philstar Global. Disponível em: <<https://www.philstar.com/headlines/2016/04/12/1572446/philippine-diplomat-china-dont-turn-shoal-island>> Acesso em: 29 de Outubro 2022.

SCOTT, David (2012). *Conflict Irresolution on the South China Sea*. Asian Survey, Vol. 52, No. 6 (November/December 2012), pp 1019-1042, University of California Press.

TERRITORIAL CLAIMS - MAPS. In: The South China Sea. Disponível em: <<https://www.southchinasea.org/maps/territorial-claims-maps/>> Acessado em: 12 de Maio de 2022

TØNNESSON, Stein (2000). *Vietnam's Objective in the South China Sea: National or Regional Security?* Contemporary Southeast Asia, Vol. 22, No 1 (April 2000), pp 199-220, Institute of Southeast Asian Studies (ISEAS).

JAPAN-VIETNAM JOINT STATEMENT ON THE STRATEGIC PARTNERSHIP FOR PEACE AND PROSPERITY IN ASIA. In: Ministry of Foreign Affairs of Japan. Disponível em <<https://www.mofa.go.jp/region/asia-paci/vietnam/joint1010.html>> Acesso em: 24 de novembro 2022.